



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- *Campus Muzambinho* -

**ANA KELLY SALOMÃO
RENATA ANDRADE MAIA**

**ENFRENTAMENTO DO PRECONCEITO DE GÊNERO NO
ENSINO DE DANÇA: UMA PROPOSTA CRÍTICO –
SUPERADORA.**

**IFSULDEMINAS – campus de Muzambinho
2013**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- *Campus Muzambinho* -

**ANA KELLY SALOMÃO
RENATA ANDRADE MAIA**

**ENFRENTAMENTO DO PRECONCEITO DE GÊNERO NO
ENSINO DE DANÇA: UMA PROPOSTA CRÍTICO -
SUPERADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, sob orientação do Prof. Mestre Mateus Camargo Pereira.

**IFSULDEMINAS – campus de Muzambinho
2013**

EPÍGRAFE

"TUDO POSSO NAQUELE QUE ME FORTALECE".

(Filipenses 4:13)

AGRADECIMENTO

Eu, Renata agradeço primeiramente a Deus, que sempre me fez vitoriosa e forte com sua bênção, sempre me deu saúde para que eu pudesse continuar minha luta sem desistir.

Aos meus pais, Antônio Angelo Menezes Maia e Eliana Andrade Maia, que sempre me apoiaram em toda a minha trajetória acadêmica, sempre estiveram do meu lado em todas as minhas escolhas, tendo sempre paciência com minhas dificuldades.

A minha irmã Gabriella Maia, que sempre me ajudou nas minhas dificuldades, sempre me aconselhou e me fez forte nos momentos difíceis. E ao meu cunhado Tiago, que me fez ser uma pessoa mais religiosa.

Ao meu professor orientador Mateus Camargo Pereira, pela paciência em suas orientações, por me apoiar a todo momento desse presente trabalho, além de me fazer crescer muito na minha vida acadêmica.

A todos os professores que tive tanto na ESEFM quanto no IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. Nos quais me fizeram crescer profissionalmente, e também como pessoa, foram mais que professores, foram meus amigos.

Aos amigos que fiz em todos esse anos de faculdade que me fizeram muito feliz todos esses anos, e muitas vezes foram minha família. Vivi momentos muito especiais com eles.

A o quarteto fantástico: Ana Kelly, Aliny e Thais, que foram minhas irmãs em casas diferentes, que sempre estenderam as mãos para me ajudarem, e estiveram comigo em todo os momentos da minha vida, todos esses anos.

Eu, Ana Kelly primeiramente agradeço a Deus por nos dar força, perseverança, fé e sabedoria.

Aos meus pais Antônio Florentino Salomão e Vanda Salomão e irmãos por entender as vezes que não estávamos presentes em momentos especiais.

Ao nosso professor orientador Mateus Camargo, por nos suportar nestes momentos de luta constante e aos meus amigos por nos aguentar nas horas difíceis.

Ao meu namorado por estar sempre ao meu lado, e minha amiga Renata por termos caminhado juntas para chegarmos ao nosso objetivo.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo verificar e superar os preconceitos de gênero manifestado pelos alunos de 4º ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus de Muzambinho, através do ensino de dança. Realizamos dez aulas de 45 minutos, baseadas na Tendência Crítico-Superadora. Nas primeiras aulas buscamos diagnosticar os preconceitos aparentes. Posteriormente, concomitante ao ensino da dança, superar os preconceitos identificados. A análise dos dados foi feita através de observação, descrição das aulas aplicadas e relato dos alunos. Concluímos que os objetivos das aulas foram alcançados com êxito, levando aos alunos uma nova visão da aprendizagem da dança e das questões de gênero. Conseguimos, também, mostrar que a dança vai muito além da técnica e que pode ser um conteúdo trabalhado de forma inclusiva nas aulas de educação física.

Palavras chave: gênero; dança; educação física escolar.

ABSTRACT

This study aimed to determine and overcome gender bias manifested by the students of the 4th year of elementary school Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus de Muzambinho, by teaching dance. Realized ten lessons of 45 minutes based in Tendency Critical-overmastering. In the first classes we seek diagnose the prejudices apparent. Afterwards, concomitant with teaching dance, overcome prejudices identified. Data analysis was done through observation, description of classes of students applied and reporting. We conclude that the objectives of lessons were successfully achieved, leading students to a new vision of learning dance and gender issues. We also managed to show that the dance goes far beyond technique and it can be a content working in an inclusive physical education classes.

Keywords: gender; dance, physical education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO - 1. GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	9
1.1 Educação Física: o que é e os objetivos no ensino fundamental I.....	9
1.2 Construção do conceito de gênero.....	10
1.3 Conceito de gênero na educação física.....	11
CAPÍTULO 2 - DANÇA	13
2.1 Conceito e história.....	13
2.2 Dança na Educação Física.....	14
2.3 Gênero e Dança	15
2.4 Dança: um conteúdo na teoria Crítico – Superadora.....	16
2.5 Materiais E Métodos.....	17
3.RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A dança é um conteúdo pouco trabalhado nas escolas ainda que faça parte da cultura brasileira de todas as regiões. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) defendem sua inclusão como um conteúdo do ensino fundamental, por meio de atividades rítmicas e de expressão. Defendem as manifestações corporais através de estímulos sonoros, buscando a cultura brasileira e sua diversidade rítmica.

Sendo a dança uma prática pouco trabalhada no ambiente escolar, podemos identificar certo tipo de preconceito quando ministrada em sala de aula. O mais aparente é o preconceito de gênero. É sobre isso que este trabalho irá tratar. Portanto, o objetivo deste trabalho foi identificar preconceitos relacionados ao gênero em duas turmas do 4º ano do ensino fundamental I, da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus, de Muzambinho, e a partir do exposto ministrar aulas nas quais estas expressões de preconceito possam ser superadas.

Para a realização do estudo, tomamos como base a perspectiva Crítico Superadora, na qual a dança é entendida como um componente no qual os alunos se expressam e conhecem seu corpo. (SOARES et.al, 2012).

Este trabalho se justifica pela pouca literatura de um tema bastante importante que são as questões de gênero, utilizando o conteúdo dança.

No capítulo 1 falaremos sobre a educação física escolar e a questão de gênero nos documentos oficiais. No capítulo 2, falaremos da dança, seu conceito e história e sobre os passos realizados para conseguirmos atingir os objetivos propostos. No capítulo 3 mostraremos como foi feito o plano de aula com seus objetivos, relatando os resultados da intervenção. Em seguida, faremos as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA

1.1 Educação Física: o que é e os objetivos no ensino fundamental I.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997) consideram que aprendizagem dos alunos ocorre nos aspectos cognitivos, afetivos e corporais, estando eles inter - relacionados em todas as situações. Diz também que a educação física não vem como forma de repetições de gestos mecânicos, mas como um processo de ensino e aprendizagem desses movimentos, de forma autônoma. Isto quer dizer proporcionar a ampliação do potencial de gestualidade de cada um.

Falando do ensino fundamental os PCNs (1997) colocam como objetivos gerais a construção social e cultural dos alunos, com propósitos de dominar os conhecimentos adquiridos, crescendo como cidadãos, realizando um papel consciente na sociedade. Assim, afirmam que:

Isto só será alcançado se oferecermos à criança brasileira pleno acesso aos recursos culturais relevantes para a conquista de sua cidadania. Tais recursos incluem tanto os domínios do saber tradicionalmente presentes no trabalho escolar quanto às preocupações contemporâneas com o meio ambiente, com a saúde, com a sexualidade e com as questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade (p.4-5).

Além disso, objetivam conhecer e valorizar as culturas do país, como conhecimento de sua origem e identidade, respeitando as diferenças culturais. Divide os conteúdos de ensino em três blocos a serem desenvolvidos no decorrer do ensino que são os esportes, jogos, lutas e ginástica, as atividades rítmicas e expressivas, e o conhecimento sobre o corpo. No qual sempre visa o ensino – aprendizagem, mas enfatizando sempre a autonomia do aluno em cada modalidade. Esses conteúdos são separados de forma organizada, servindo como subsídio para o professor ministrar suas aulas de maneira organizada, trabalhando vários conhecimentos.

Desse modo, espera-se que o ensino fundamental cumpra o propósito de promover o respeito, a dignidade, construção e participação em atividades coletivas.

1.2 Construção do conceito de gênero:

Nos últimos anos muito se tem dito sobre o conceito de gênero. Em uma cultura que vem se transformando desde os tempos antigos se tornou comum uma diferenciação de capacidades entre meninos e meninas com visível predomínio do masculino. Vários autores como Goellner (2010), Sousa e Altman (1999) e Saraiva-Kunz (2003) nos mostram que apesar das mudanças sociais ao longo dos séculos, os conceitos de diferenciação de deveres por gêneros ainda continuam bem visíveis na sociedade. No senso comum, quando falamos em gênero, logo pensamos em uma diferença muito grande nas capacidades físicas de cada um. Eles se manifestam de forma que meninos têm que apresentar uma forma viril, agressiva e máscula, e meninas uma forma delicada e meiga.

O gênero é considerado uma forma de representação na qual a pessoa se mostra na sociedade, mas o que se vê é a afirmação de características associadas ao biológico. Quando invertido esses papéis, a sociedade considera os mesmos homossexuais ou fora dos padrões normais impostos. Neste trabalho o “gênero é aqui entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres” (SOUSA e ALTMANN, 1999, p 53). Na mesma direção, Goellner (2010, p.75) afirma que existe uma certa diferenciação entre os termos gênero e sexo, no qual gênero seria a “condição social por meio da qual nos identificamos como masculino e femininos”. E o sexo seria “termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres”. As pessoas passam pelo processo de “generificação”, no qual as marcas do gênero se inscrevem no corpo de cada um. Podemos entender então, segundo esse conceito de Goellner (2010), que gênero acaba sendo uma construção social do sexo. Um exemplo disso seria as formas de se vestir e agir na sociedade. Goellner ainda cita que homens de cabelo compridos que tinham brincos há um tempo atrás eram considerados femininos. Essa ideia vem perdendo a força com o passar dos anos; nos dias de hoje é comum vermos meninos com essas características sendo mais bem aceitos.

Algumas atitudes corporais são generificadas conforme a cultura: jogo de futebol é masculino, dançar é feminino. Mas essa acaba sendo uma identificação não natural, são processos culturais, que vão marcando essas atitudes como femininas ou masculinas (GOELLNER, 2010).

Para demonstrar como a diferença de habilidades esta interligada a nossa

cultura, podemos apontar um trecho do texto de Daolio (2010), que faz uma comparação entre a diferença dos estímulos dados em meninos e meninas desde o seu nascimento. Os meninos logo ganham bolas e são incentivados a dar seus primeiros chutes. Quando crescem, podem brincar na rua de correr, pular, jogar bola. Já as meninas ganham bonecas, utensílios de casa e cozinha em miniaturas, não podem brincar na rua com os meninos, não podem se sujar ou suar, tem que ser “delicadas” (DAOLIO, 2010).

Sousa e Altmann (1999) nos fazem entender que o conceito de gênero não opõe o masculino do feminino. Isso quer dizer que “o feminino não é o oposto e nem o complemento do masculino”. Mostra-nos, também, que passa de uma questão biológica, para uma questão social (POOVEY,1988, apud SOUSA e ALTMANN, 1999, p55.). Isso nos leva a ver que homens e mulheres podem até ser diferentes em suas habilidades, mas isso não significa que as habilidades femininas não dependem nem completam as habilidades masculinas. Um exemplo são mulheres que conseguem fazer lutas, jogos de futebol, e homens dançarem, sem perder sua individualidade de feminino e masculino.

Segundo Silva e Lima (2012) práticas corporais e esportivas devem existir no processo de cidadania e liberdade das pessoas. Os profissionais devem estar atentos a várias situações que ocorrem no dia a dia porque muitas delas reforçam o preconceito.

Por isso, cabe a nós profissionais da educação física problematizar as questões de gênero de forma que os preconceitos sejam superados.

1.3 Gênero e educação física

A educação física escolar pode ser umas das matérias mais incumbida de tratar de temas relacionados às práticas corporais, abrindo assim um grande leque para os profissionais da área lidarem com questões relacionadas ao gênero. Entretanto, encontramos por diversas vezes alunos e professores “generificando” atividades, restringindo-as a meninos o futebol e a meninas as danças, por exemplo. Existe uma enorme dificuldade na aceitação de trocas de capacidades. Segundo Sousa e Altmann (1999, p 55):

[...] somos classificados(as) de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a

escola e as aulas de educação física, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não.

A contraposição entre os gêneros ocorre nas aulas de educação física, excluindo meninos e meninas, rotulando-os como capazes ou não para fazer as atividades propostas nas aulas, como se o gênero definisse a priori as possibilidades de cada um.

Quando há uma preferência desses alunos por atividades inversas (meninos na dança e meninas nos esportes), esses são excluídos e até desprezados pelos demais colegas. Acontecem também de meninos não serem tão ágeis, como se isso fosse um atributo de todos eles, e meninas não serem tão delicadas, como se isso fosse um atributo delas, e, por isso, serem motivos de brincadeiras e de desprezo (GOELLNER, 2010).

Esta situação acaba reforçando os estereótipos humanos. Além disso, são conceitos que não são muito trabalhados pelos próprios professores de Educação Física. Alguns professores acabam optando por trabalhar com as turmas separadas por gênero nas aulas. Isso acaba sendo um erro, pois se não trabalharmos as turmas mistas não vamos poder quebrar esse tabu que separa os gêneros por capacidades físicas pré-determinadas como masculinas e femininas.

Na realidade cotidiana da Educação Física, encontram-se práticas corporais que são objetos de ensino e que, quando pensados para todos e todas, chamam a atenção sobre os processos culturais vivenciados pelos meninos e pelas meninas e que resultam em representações sociais diferenciadas, para homens e mulheres, em relação a muitas dessas práticas, como por exemplo, a dança.(SARAIVA-KUNZ, 2003, p.).

Assim como podemos encontrar nas escolas meninas jogadoras de futebol, por exemplo, podemos encontrar meninos dançarinos ou ginastas, sem que isso seja um problema na sua vida social ou no seu gênero.

CAPÍTULO 2 – DANÇA

2.1 Conceito e história

Vários conceitos históricos diferentes se encontram quando falamos de dança. Segundo Soares et. al (2012) os seres humanos dançavam como imitação, simulando um acontecimento que desejavam que se tornasse realidade.

Zotovici (2001, p.8) afirma que “a dança seja uma das formas mais antigas do ser humano expressar, através de movimentos livres e espontâneos”. Ela nos faz enxergar que a dança tinha e tem o papel de expressar situações, rituais, desejos, necessidades, entre outros. Manifestações que enfocavam a cultura de cada época vivida. Com esses relatos podemos identificar que a dança vem historicamente marcada pelas expressões de sentimento, acontecimentos históricos e culturas de cada local.

Se compararmos os fatos históricos com o conceito de dança atual, observamos algumas mudanças. Apesar de ainda existir danças culturais, a dança atualmente está muito ligada ao técnico e alto nível. Os PCNs (1997) dizem que a dança vem perdendo seu conceito cultural brasileiro para as ginástica e danças americanas e de outros países.

O conceito de dança se faz presente no mundo todo de varias formas, ritmos e movimentos diferentes para cada cultura. A dança tem sua “Essência cultural” englobando os gestos, sentimentos e comunicação entre os corpos, possibilitando o conhecimento corporal, que “*têm como características comuns à intenção de expressão e comunicação*” PCNs (1997), incorporando e transformando os movimentos.

A dança quando trabalhada na escola através de ritmos, movimentos e músicas, resgata conceitos culturais e expressão de sentimentos. Através dela os alunos podem vivenciar expressões corporais lhes fazendo conhecer mais sobre si mesmos (BRASIL, 1997).

2.2 Dança na Educação Física

Pelo nosso conhecimento acadêmico e literário podemos analisar que a dança não é um tema muito trabalhado nas escolas, por não ser muito conhecida tanto pelos alunos quanto pelos professores. Conteúdos esportivos são mais trabalhados nas aulas, talvez por serem mais aparentes na mídia. Já a dança aparece de uma forma completamente técnica e de alto nível, além de ser pouco aparente em comparação às outras práticas corporais citadas.

As atividades rítmicas e expressivas estão citadas nos PCNs (1997) da educação física do ensino fundamental como conteúdo de expressão e arte, com o intuito a manifestação cultural e social, por meio de comunicação entre corpos.

De acordo com Barreto (2008) são formas de comunicação e diálogo entre os corpos que através de movimentos e expressões surgem a identidades de cada um. Deste modo, o trabalho com dança nas aulas de educação física é uma possibilidade de integração e comunicação entre os indivíduos. Abordam-se diversas manifestações com o intuito de ensinar as técnicas da dança. Mas para que os alunos tenham compreensão e as vivências da prática de dança precisam de estímulo, no qual o professor tem o papel fundamental. É ele que conduz a aula, tendo um propósito e mostrando que o movimento vem de dentro de si, se relacionando com pessoas e o mundo ao seu redor.

O professor como um instrumento e condutor observa o comportamento dos alunos nas aulas de dança, no qual analisa a participação e o comportamento de ambos os sexos nas atividades, pois de alguma maneira podem ocorrer exclusões tanto de meninos quanto de meninas, por ser um conteúdo no qual se foca o movimento corporal. Segundo Andreoli (2010), a dança está de algum modo relacionada esteticamente com o corpo. Isso nos leva a pensar que algumas meninas têm mais facilidade em realizar movimentos, por serem mais delicadas, leves e suaves. Por esse motivo muitos meninos acabam se excluindo. Como cita Altman e Souza (1999) muitos desses alunos se excluem das atividades por se sentirem incapazes e não hábeis. Inferimos que isso ocasiona uma perda de oportunidade de vivenciar outras práticas corporais.

Com isso, os alunos classificam a dança como uma prática corporal difícil de se executar nas aulas de Educação Física. Uma hipótese para esse acontecimento seria a baixa formação no conteúdo ofertado aos professores em seus cursos de graduação. Aqueles que trabalham o fazem visando mais a técnica do que a

expressão corporal em si. Mas de modo geral a dança tem que ser trabalhada desde sua essência, permitindo o reconhecimento e as possibilidades corporais e culturais de cada aluno. Além disso, abre-se possibilidades de superações de conceitos estereotipados relacionados a dança entre ambos os sexos, colocando em prática novos valores e atitudes.

2.3 Gênero e dança

Como já discutidos nos textos anteriores, observamos que, existem vários conceitos de gênero relacionados com a dança, podendo entender em um senso comum, que a dança é associada ao gênero feminino, pelos seus movimentos serem julgados finos e leves. No ver da sociedade homens que dançam podem ser considerados, homossexuais, assim com, mulheres que praticam certos tipos de esportes, que exigem mais força.

Segundo Andreoli (2010) a generificação da dança esta mais fortemente relacionada com danças que exigem mais delicadeza e leveza como, por exemplo, balé, danças modernas e contemporâneas, do que danças onde os movimentos são mais bruscos e fortes como hip hop, danças tradicionais ou dança de salão gaúchas. Ressaltando que este estilo de dança como exemplo, Hip Hop só é aceito quando se faz o movimento com muita masculinidade, isso quer dizer, com muita força, destreza. Isso nos faz entender que a dança, pela cultura social acaba sendo separada entre movimentos femininos e movimentos masculinos. Fazem-nos entender que os diferentes tipos de dança, também são “generificados”, entre si.

Podemos relacionar esse pensamento como uma manifestação da cultura desses alunos. Uma hipótese para esse fato pode esta relacionada com o dito por Goelner (2010), afirma que a cultura está intervindo constantemente na nossa forma de agir, tornando fatos naturais atitudes anormais na visão da sociedade pela sociedade.

Quando o conteúdo dança é ministrado nas aulas de Educação Física, percebemos que os alunos tem certo preconceito em relação a gênero, desenvolvido em razão da sua cultura. Devido a este fato, meninos e meninas acabam se separando nas aulas ou até mesmo se excluindo.

Em um trecho de seu texto, Daolio (2010) cita que há uma conformação nesses conceitos de gênero, como por exemplos, meninas se conformarem em não praticarem certas atividades por não se sentirem capazes de realizá-las. Isso pode

acontecer também com os meninos na dança, nos quais se conformam com a situação de não lhes ser ofertado o ensino.

A intervenção do professor para conduzir uma aula na qual o preconceito de gênero no ensino de dança se faz presente é de muita importância. É papel dele fazer com que a dança seja uma prática corporal que pode ser vivida em ambos os gêneros, e juntos.

2.4 Dança: um conteúdo na teoria crítico-superadora

Soares et al (2012) propõem a pedagogia crítico superadora também para o trabalho com o conteúdo dança. Esta pedagogia, prevê que a reflexão pedagógica deve ter 3 momentos:

Diagnóstica - onde o aluno tomará conhecimento dos dados da realidade, fará uma interpretação sobre eles, fazendo logo em seguida um julgamento.
Judicativa – sendo um sujeito pensante, o aluno fará um juízo de valor, sendo que este dependerá da classe que ele pertence, assim, ele fará o julgamento representando os interesses de acordo com sua classe social.
Teleológica – o aluno buscará uma direção, que dependendo da classe que pertence e de como a reflete, poderá a preservar a realidade como está ou a transformá-la, modificá-la (Soares et al, 1992, p.).

Estas perspectiva estabelece que os conhecimentos devem ser construídos a partir de valores da realidade social dos alunos. O educador deve transmitir a partir dos conteúdos os significados humanos e sociais, de modo que os alunos construam um pensamento. Devem buscar que os alunos sejam críticos de sua realidade, construindo e ampliando seus conhecimentos científicos para intervir nela.

Os ciclos são trabalhados de forma simultânea, construindo referenciais para ampliar os pensamentos dos alunos de forma espiralada constatando os dados da realidade para interpreta-los, compreende-los e explica-los. No caso do nosso trabalho, estamos trabalhando com o 2º ciclo. Este prevê o conhecimento organizado pelos alunos, no qual estabelece pensamento abstrato, consciência cognitiva, confrontando as realidades e representações construídas por eles. Deste modo começa a pouco-a-pouco a estabelecer uma conexão entre realidade social, ou seja, ampliando os pensamentos a fim de superar a si mesmo.

O 3º ciclo trabalha com ampliação dos conhecimentos reconstituindo e atingindo sua imaginação e expressão discursiva da realidade. O 4º ciclo trabalha com aprofundamento dos conhecimentos, permitindo a reflexão e compreensão dos pensamentos científicos.

De modo geral, se espera que a dança, de acordo com o ciclo, proponha que os alunos compreendam de modo interpretativo e comunicativo, para que saibam se relacionar socialmente e corporalmente com mundo cultural e musical. Estimulando coletivamente criações e produções expressivas, a partir de seus conhecimentos adquiridos perante a dança.

2.5 Materiais E Métodos

Escolhemos a escola citada, pelo motivo de já estarmos envolvidos com ela em outros momentos (estágio) , e com isso perceber a necessidade que se encontrava entre os alunos de desenvolver um trabalho desse nível.

No primeiro semestre de 2012 foi aplicada nossa pesquisa de campo, qualitativa, constituída de um plano de aula de 10 aulas na tendência Crítico-Superadora. O plano de aula com o numero de 10 aulas foi escolhido pela quantidade de tempo que tínhamos para desenvolver o projeto. Ocorreram para duas turmas de 4º ano do ensino fundamental I; ambas compostas por 23 alunos. A idade dos alunos variava entre 8 e 9 anos. Todos matriculados na Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus, em Muzambinho-MG. Foram escolhidos os 4º anos porque eram os que mais necessitavam desenvolver esse trabalho, por nossa observações em momentos como as aulas de Educação Física e Recreio. A escola possui um período de aula extracurricular de 45 minutos, onde são desenvolvidas aulas de recreação, uma vez por semana. Foi utilizado esse tempo para serem ministradas e desenvolvidas as aulas deste trabalho.

Foram utilizados para aplicar as aulas, um notebook para apresentação dos vídeos, um reproduzidor de CD e mp3 portátil, giz, folhas de sulfite A4, vendas para os olhos, caderno de anotações e músicas levadas pelos alunos.

A escola não possui quadra, apenas um pequeno pátio onde são as aulas de Educação Física e o recreio. Além desse pátio há um galpão lateral externo da escola. Como as aulas aplicadas no presente trabalho coincidiam com as aulas de Educação Física, o espaço utilizado para aplicação das aulas era o galpão lateral externo.

O galpão não tinha boas condições, era um lugar que continha muita umidade e poeira. Seu espaço era razoável para as aulas, a acústica e o chão eram bons.

Todas as aulas foram registradas em um caderno de anotações, que

serviram de referencia para análise aos dados. Em todas as aulas se observou as falas e comportamento dos alunos sendo relatado o que acontecia de mais relevante. Ao final foi feito um desenho pelos alunos, nos quais eles relatavam o que mais gostaram nas aulas e o que menos gostaram.

Em todas as aulas foram utilizadas atividades relacionadas a ritmo, dança e gênero. O objetivo não foi ensinar a dança em si, mas sim uma forma de superar o preconceito de gênero presentes naquele grupo.

Segue em seguida os objetivos das aulas:

1º Aula: Aula diagnóstica

Objetivo: Diagnosticar de forma informal o conhecimento que cada um dos alunos tem sobre a dança.

2º Aula: Apresentação do tema

Objetivo: Apresentar a historia e conceitos da dança (como ela surgiu , como ela é feita hoje em dia).

3ª Aula: Aula diagnóstica.

Objetivo: analisar o conhecimento e os conceitos existentes nos alunos sobre a dança.

4ª Aula: Aula judicativa e teleológica, com objetivo de quebrar o preconceito e a timidez dos alunos com a dança.

Objetivo: Superar a timidez e os conceitos de senso comum que os alunos tinham sobre a dança.

5ª Aula: Interação dos alunos com o conteúdo

Objetivo: analisar o trabalho em grupo e os conhecimentos musicais dos alunos.

6ª Aula: Trabalho com a confiança, e quebra de preconceito indiretamente.

Objetivo: quebrar o preconceito de gênero e estreitar a confiança.

7ª Aula: Trabalhar a diversidade de danças.

Objetivo: Naturalizar a dança com qualquer pessoa.

8ª Aula : Trabalho da dança em pares.

Objetivo: Naturalizar a dança em pares

9ª Aula:

Objetivo: diagnosticar e identificar se os alunos superaram o preconceito de gênero no ensino de dança.

10º Aula

Objetivo: Identificar mudanças de pensamento, a partir do relato dos alunos.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mostraremos como foram planejadas e aplicadas as 10 aulas do presente trabalho, debatendo com a literatura específica.

Na primeira aula o objetivo era diagnosticar, pelo comportamento e falas dos alunos, quais tipos de preconceitos iam se manifestar em relação à dança. No primeiro momento os alunos ficaram em uma roda, intercalados (um menino e uma menina).

O conflito começou na hora de formar a roda, pois foi pedido para que a roda fosse intercalada meninos com meninas. Tanto os meninos quanto as meninas queriam ficar do lado de seus colegas ao invés de ficarem do lado de outro parceiro do gênero oposto. Depois de organizada a roda lhes foi solicitado que dançassem do jeito que achavam certo. As meninas dançaram seriamente e os meninos dançaram sem a mesma seriedade. Ao longo da aula fomos mudando os ritmos das músicas para ritmos mais lentos. Solicitamos que todos fizessem alguns movimentos diferenciados, de tipos e intensidades diferentes, mais delicados e leves. Quando isso ocorreu, os meninos foram saindo um a um. Poucos continuaram a atividade e ainda sem levar a sério. Eles dançavam como se tivessem imitando as meninas. Ficou claro que as danças, para aqueles meninos, não eram algo que merecia muito valor; era coisa das meninas, e dançar só poderia ser encarado como uma atividade secundária, “feminina”. O preconceito de gênero ficou latente.

No segundo momentos os alunos dançaram em duplas; eles mesmos escolheram sua dupla, sendo que primeiro os meninos escolheram as parceiras e depois as meninas escolheram seus parceiros. Tivemos dois problemas; o primeiro foi quando os meninos iam escolher as meninas para dançar, todos queriam as mais “bonitinhas” (aquelas de melhor aparência física e bem vestidas) havendo uma competição entre vários meninos por duas ou três meninas. O segundo foi na hora das meninas escolherem os meninos para dançar. Elas ficaram completamente sem atitude, completamente submissas, esperando serem escolhidas mesmo sabendo que era para elas escolherem. Depois de muito incentivo dos meninos, no qual diziam: “fulana, escolhe eu”, elas os escolhiam.

Lembramos de um trecho do texto de Daolio (2010), no qual ele relata que as meninas já são conformadas pelo papel de inferioridade perante os meninos. Assumiam papéis de “antas”. Sentimos que isso também acontecia com nosso

grupo.

A aula terminou com diálogos e discussões sobre o ocorrido durante a aula. Para isso foram usadas as seguintes perguntas, e respectivamente as seguintes respostas:

1 Você gostou de dança?

Na maioria das meninas as respostas foram que sim. Entre os meninos as respostas foram que gostaram apenas da primeira, na qual eles estavam dançando do jeito que queriam.

2 Porque não dançou “tal” hora?

Entre as meninas, apenas uma na turma B não dançou, e falou que não dançou com vergonha dos meninos. Já os meninos, não queriam responder, até que um deles falou: “não dancei porque não sou “viadinho”. Essa foi a resposta de todos os outros meninos.

3 Porque você escolheu “tal” pessoa para dançar?

As respostas das meninas foram “ele me pediu” ou justificaram que aquele menino era um amigo ou tinha um grau de parentesco. A maioria dos meninos responderam que escolheram por beleza, porque gostavam da menina ou porque tinham um grau de parentesco com a escolhida.

Foram identificados os preconceitos nessa aula, nos quais todos se manifestaram em relação ao gênero. Com isso podemos perceber que a dança está “generificada” para o feminino. Cada vez que as danças ficam mais leves e delicadas, mais o esse preconceito se faz presente.

A segunda aula foi uma apresentação do tema com história e conceito da dança (como ela surgiu, como ela é feita hoje em dia).

Apresentação de vídeos nos quais apresentaram fatos sobre ela, na qual eles não conheciam, como homens dançando balé, por exemplo. Esses dançarinos relatavam suas vidas normais.

Nessa aula as duas turmas acharam tudo muito diferente. Os meninos acharam que aqueles homens dançando não eram “realmente homens”. Depois dos relatos dos dançarinos eles puderam observar que eram pessoas normais.

Nessa análise já podemos perceber o preconceito relacionado com a figura homem estar dançando e a ideia de que aqueles homens não são heterossexuais.

Na terceira aula começamos a analisar o conhecimento que esses alunos tinham sobre a dança para que pudessemos saber a melhor forma de superar os

preconceitos identificados. Foram escritos vários nomes de dança conhecidos pelos alunos, que ficaram espalhadas no chão da sala como se fossem estações. Na turma A, composta por 23 alunos, foram citadas as seguintes danças.

- Forró
- Hip – hop
- Balé
- Jazz
- Psy

Na turma B há 23 alunos. Foram citadas as danças:

- Tango
- Valsa
- Jazz
- Balé
- Hip-hop
- Dança de rua

Nessa fase percebemos que o conhecimento dos alunos sobre os estilos de dança são muito confusos, confundindo estilo de dança com estilo de música.

Foi pedido para os alunos andarem pela sala observando as estações onde foram colocados os nomes de danças citadas. Foram feitas perguntas e os alunos respondiam indo para a estação que queriam como resposta, sendo que só poderiam ser respondidas uma vez. O resultado foi o seguinte:

Turma A

1. Qual dança você gostaria de aprender a dançar ou já dança?

Respostas: Balé – 6 meninas

Forro- 2 meninos

Jazz- 5 meninas

Psy- 4 meninos

Hip-hop – 4 meninos

Nenhuma – 2 meninos

2. Qual dança você nunca dançaria?

Forro – 6 meninos

Psy – 6 meninas

Hip-hop- 5 meninas

Balé – 6 meninos

Podemos analisar nestas respostas que os meninos escolheram danças aparentemente mais fortes e marcantes. Já as meninas apresentaram um interesse maior por estilos mais delicados. Observamos também que não houve nenhuma estação onde as turmas foram mistas. Uma hipótese para o fato seria que os meninos poderiam achar aquele estilo de dança feminino e vice-versa.

3. Qual dança você acha que é só para meninas ?

Todos responderam Balé

4. Qual dança é só para meninos?

Hip – hop- 11 meninas

Forro – 8 meninos

Psy – 4 meninos

Observando as respostas dessas perguntas fica claro que os alunos separam por gênero cada estilo de dança. Fica claro o quanto a dança é genericada por estilos. Movimentos bruscos ficaram para os meninos, como o hip-hop, e a leveza e delicadeza do balé para as meninas.

5. Qual dança você acha que todos podem dançar?

Hip-hop – 4 meninos

Forró – 8 meninos e 11 meninas

Considerando a resposta, podemos analisar que a maioria escolheu o forró, por ser uma dança associada ao par, na qual eles entenderam que assim todos podem dançar. Ressaltando que essa foi a única resposta em que meninos e meninas dividiram a mesma estação.

Com a turma B obtivemos as seguintes respostas:

1. Qual dança você gostaria de aprender a dançar ou já dança?

Balé – 7 meninas

Hip – hop – 2 meninos

Jazz – 7 meninas

Tango – 1 menino

Dança de rua – 6 meninos

2. Qual dança você nunca dançaria?

Balé – 6 meninos
 Hip – hop – 4 meninas
 Jazz – 3 meninos
 Dança de rua – 10 meninas

3. Qual dança você acha que é só para meninas?

Balé – 5 meninos e 5 meninas
 Jazz – 4 meninos, e 9 meninas

4. Qual dança é só para meninos?

Dança de rua – 7 meninos, e 6 meninas
 Hip – hop- 8 meninas, e 2 meninos

5. Qual dança você acha que todos podem dançar?

Valsa – 8 meninas, e 3 meninos
 Tango – 6 meninas, e 6 meninos

Podemos perceber que na turma B houve basicamente a mesma análise da turma A. A única diferença foi que na turma B os meninos e meninas se misturaram mais nas estações. Mas os diagnósticos das suas ideias sobre a dança foram praticamente as mesmas.

A aula terminou com a discussão do “porquê” das escolhas para cada resposta. Os alunos relataram que meninos tinham que dançar “danças de homem”.

Logo se identifica que o conhecimento sobre a dança entre os alunos são restritos; nota-se, também que esses gêneroificam os estilos de dança. Os delicados ficam para as meninas e os brutos e de muita virilidade para os meninos.

Na quarta aula, a ideia foi começar a superar os preconceitos que principalmente os meninos tinham em relação a dança. Em uma roda com papel e caneta para cada um dos alunos, eles escreveram de que jeito gostariam de ver o colega do seu lado direito dançando. Apresentaram o papel para todos da roda. Essa aula foi a que trouxe mais repercussão entre os alunos, pois eles ficaram livres para sentarem aonde quisessem e escrever o que queriam em sentido de dança.

Nas duas turmas as meninas escreveram coisas mais leves, levaram mais a sério as atividades. Os meninos escreveram coisas para constranger o colega que

estava do lado.

Na turma A, entre os meninos, surgiram movimentos como:

- Rebolar até o chão
- Dança hip – hop
- Giros de balett
- Dançar forro

Entre as meninas surgiu:

- Dançar forro
- Sambar
- Dançar balett
- Rebolar
- Mão na cabeça (que na nossa interpretação, foi a dançar a musica KUDURO – LATINO).

Mas na hora de executar foram eles mesmos que tiveram que fazer, ao invés do colega do lado. Tentamos começar pelos meninos. Eles não queriam de forma alguma. Então recomeçamos pelas meninas, e elas fizeram normalmente. Quando chegou a vez dos meninos, tiveram mais coragem e com muita dificuldade e insistência fizeram os movimentos. Enquanto os outros colegas achavam tudo muito engraçado.

Na turma B entre os meninos surgiram:

- Dançar “ai se eu te pego”
- Boca da garrafa
- Dança de rua
- Dançar tango
- Dançar balé
- Rebolar

Entre as meninas surgiram:

- Dançar kuduro
- Dançar forro
- Dançar balé
- Rebolar
- Dançar rock

Quando falamos que eles mesmos iriam dançar, ninguém queria fazer. Começamos pelas meninas, pois com a outra turma tinha dado certo, elas foram mais resistentes em ir dançar do que da turma A, sendo que duas não dançaram de forma alguma. Os meninos foram menos resistentes do que da turma A sendo que levaram na brincadeira, mas dançaram.

E com isso conduzimos uma discussão sobre o assunto. Se eles gostaram de fazer; discutimos sobre “porquê” passou o movimento para o colega sendo que eles mesmos não fariam aquele movimento. O objetivo era fazer com que eles refletissem que a dança não era apenas uma brincadeira cujo os movimentos são para constranger quem está fazendo.

Os resultados dessa aula nos dá a possibilidade de analisar o pensamento dos meninos segundo suas atitudes. Eles manifestam pensamentos de que acham a dança uma modalidade de menina, tornando vergonhoso fazer o movimentos da mesma. Quando feito não é levado a sério, pois não acham que precisa fazer certo. Nos relatando um pensamento de que não é um dever deles terem habilidades para esse tipo de prática.

Na quinta aula, cada aluno cada aluno levou uma música para ser escolhida pelos colegas. Depois de selecionar a música, foi pedido a eles que fizessem trios mistos no qual eles criavam um movimento do esporte, jogo ou brincadeira que mais gostavam, cujo um dependa do outro para sair o movimento, sendo que o trio estava de mãos dadas, e no movimento escolhido nenhum podia soltar a mão do outro. O movimento tinha que ser no ritmo da musica e um movimento encaixar no outro.

Essa pratica na turma A fluiu muito bem, os alunos fizeram os movimentos com os seus trios, no qual sempre a menina do trio que criava os passos e os meninos acompanhava. Isso ocorreu de forma natural entre eles os meninos sempre esperavam as meninas inventarem os passos.

Podemos ver nesse caso que os meninos deixa claro que não é o papel deles criar os movimentos, eles apenas acompanham a criação das meninas, já que eles acham que é uma modalidade voltada a elas.

Na turma B houve um problema com dois trios. Em um dos grupos o menino não queria pegar na mão de sua colega porque não gostava muito dela. No outro trio uma menina não queria fazer os movimentos porque estava do lado de um menino que ela disse ser muito “chato”, e afirmou que se ela dançasse, depois ele iria fazer

comentários de mau gosto sobre ela. Fora esse dois trios a aula fluiu normalmente. Nessa turma houve mais participação dos meninos na confecção das danças do que na turma A.

É muito importante que eles sintam o prazer que a dança oferece. Por isso começar a aprender a fazer os movimentos com musica e movimentos familiares a eles, ajudou a mostrá-los que existem diferentes formas de se dançar, sem ficar presos aos estilos técnicos citados por eles.

Segundo Soares et.al (2012) a dança na escola tem o objetivo de favorecer a criação espontânea dos alunos, enfatizando uma expressão corporal sem visar a técnica da dança. Para isso podemos usar abordagens de diferentes disciplinas para contribuir com o universo simbólico que a dança podem oferecer aos alunos.

Na sexta aula, os alunos formaram a dupla que quiseram. Um dos membros da dupla vendou os olhos e o outro foi o condutor. As conduções fluíram bem, todos os alunos participaram e gostaram muito. A aula teve momentos nos quais as formas de condução foram variadas: primeiro conduziram com o braço na cintura do colega, depois de braços dados, depois de mãos dadas e depois apenas um dedo no ombro. Na última fase da condução na qual apenas teve um dedo no ombro, quando o colega tirava o dedo do ombro do conduzido, imediatamente ele tinha que parar. Conforme foi fluindo a aula foi trocando os condutores de parceiros, sem que os conduzidos percebessem. Essa troca foi acontecendo de forma provocada por nós, para quebra de preconceitos, tais como, colocar meninos com meninas, pessoas que não gostavam uma da outra ou que não tinham muito contato para trabalharem juntas. Na hora que tiraram as vendas e viram com quem estavam, houve reclamações, mas poucas. A troca de condutores e conduzidos fluiu muito bem também. Depois o condutor passou a ser conduzido.

Nesse momento podemos observar que quando eles não estão vendo quem está conduzindo ou até tocando-os, fica muito mais comum o contato entre eles. Vê-se que não existe preconceito. Vimos que há um problema entre alguns se tocarem ou ficarem perto de certos colegas; quando não se vê, o contato fica natural. Ou seja, os preconceitos se tornam evidentes quando enxergamos.

Mas se analisarmos o fato de que quando trocaram os condutores eles fizeram atividade normalmente, mesmo sabendo o que ia acontecer, nos traz uma hipótese de que para eles a atividade era mais importante do que com quem eles

iam ter um contanto. Nesse caso pode identificar como uma mudança inconsciente no comportamento desses alunos.

Na sétima aula, os alunos fizeram duas rodas. Uma roda ficou de frente para a outra. Identificados como roda um e roda dois

Com uma música eles fizeram uma atividade de espelho; primeiro os alunos da roda um fizeram o movimento para os alunos da roda dois serem o espelho, e depois os alunos da roda dois fizeram o movimento para da roda um imitar seus movimentos. No começo houve uma resistência em ficar na frente de algumas pessoas do grupo. Mas assim que começou a atividade a interação foi total. Os alunos executavam a atividade independente do colega que estava na sua frente.

Certas horas da atividade alguns meninos faziam movimentos que sabiam que a colega da frente não ia conseguir acompanhar, só para constranger o colega, identificamos esse ocorrido pelo fato dos alunos começarem a rir do colega menos habilidoso. Isso nos faz analisar que no conceito deles a dança tem que ter movimentos difíceis e bruscos nos quais eles demonstrem suas capacidades físicas a outros colegas.

Todos dançaram fora do ritmo. A música não era muito favorável, mas foi usada como forma de estímulo e motivação, por serem musicas do gosto deles. E realmente os incentivaram mais.

Mas como o foco principal não foi a técnica, consideramos que atividade foi bem sucedida. Podemos associar essa ideia com que diz Soares et. al (2012). Podemos oferecer o ensino de dança por meio de outras praticas corporais, para que possa auxiliar na expressões dos alunos

E assim foram virando a roda ate que cada um dos alunos passaram por todos os seus colegas de sala.

Depois do termino da atividade sentaram todos em uma roda e foi discutido o caso dos movimentos exagerados. A justificativa dos alunos foi que eles queriam demonstrar o que sabiam. Sem a nossa intervenção pediram desculpas para os colegas. Nessa hora podemos perceber que há uma mudança na forma de pensar dos alunos, pois souberam admitir o erro cometido.

Na oitava aula, em uma roda única onde foram intercalados meninos e meninas, foi pedido para todos dançarem. Primeiro todos deram as mãos e dançaram com movimentos de quadril e pernas, depois abriram as pernas ate que

os pés encostassem nos pés dos colegas ao lado, e fizeram movimentos apenas da cintura para cima, a aula fluiu normalmente.

Percebemos que já não havia problema no contato entre eles. O comportamento durante a atividade era muito bom. Percebemos que algumas manifestações de preconceitos já estavam sendo modificadas.

No segundo momento os alunos fizeram duas linhas, uma de meninas e outra de meninos, um de frente para o outro e com uma musica de forró, primeiramente, todos juntos acompanharam o passo que estávamos passando, depois acompanharam o colega que estava na linha da frente, primeiro todos os meninos acompanhavam todas as meninas depois trocava.

Nesse momento percebemos que não havia mais competição de habilidades entre os colegas, e sim uma cooperação entre os que sabem mais e os que tem mais dificuldade. Soares et. al (2012) diz que a escola deve promover o solidariedade e o respeito entre as diferenças nela encontradas e que o companheirismo se faz importante para a melhor convivência dos alunos.

No terceiro momento chegaram mais perto e cada um acompanhava a pessoa que estava na linha à sua frente. Primeiro só acompanhavam perto um do outro; depois, deram as mãos e acompanharam novamente. No momento de pegar na mão não houve nenhum tipo de conflito. Identificamos que não havia mais problema de contato entre eles. Não importava mais quem era o parceiro, e sim os movimentos ensinados. Podemos analisar nesse caso, que a superação dos preconceitos vinha sendo iniciada e que o ensino da dança propriamente dito começa a se tornar mais importante do que a aparência ou o gênero do colega e de si mesmo.

Na nona aula, as turmas foram separadas entre turma um, e turma dois. Com isso os alunos da turma um escolhiam os alunos da turma dois para dançar, como duplas, conforme foi trocando a musica os alunos tinham que trocar de dupla, acontecendo primeiro com a turma dois trocar de dupla, e depois com a turma um, isso aconteceu ate que todos da turma um passaram por todos da turma dois.

Nessa aula os alunos fizeram a atividade proposta, sem nenhum tipo de conflito, passando por todos os colegas de sala, sem nenhum tipo de preconceito ou reclamação de fazer a atividades com certos colegas, repetindo o observado nas aulas anteriores.

Isso nos leva a entender que houve uma superação nesses preconceitos encontrados e relatados em torno do presente estudo.

A décima aula foi para a avaliação. Os alunos demonstraram e relataram em forma de diálogo e desenho o que aprenderam, o que mais gostaram e o que menos gostaram nas aulas aplicadas.

Em seguida analisaremos os alguns desenhos feito pelos alunos com mais relevância:





Foi o QUE EU GOSTEI

MAS.
BEIÇOS
RENATA





Nos desenhos podemos analisar que os alunos gostaram da nova vivência na dança, e que o contato entre gêneros iguais ou gêneros diferentes parece uma atitude comum entre eles.

Os meninos relataram que aprenderam a gostar de dança, e que dançar não é só coisa para as meninas. Já as meninas relataram que não imaginavam que um dia uma aula de dança com os meninos pudesse ser tão interessante e gostosa. Elas achavam que os meninos podiam atrapalhar o andamento da aula por não saberem dançar.

Verificamos então, que apesar de poucas aulas, houve uma mudança na forma de pensar dos alunos em relação à dança e ao dançar juntos, nos mostrando a superação do preconceito de gênero, pelo menos naquele ambiente.

Durante as aulas planejadas foram superados os preconceitos de uma maneira espontânea, na qual o contato com os alunos com a modalidade foi se tornando algo natural, sem que fosse preciso uma imposição nossa para a realização das atividades.

Em forma de desenho os alunos demonstram as aulas que mais gostaram. Alguns dele estão em apêndice nesse trabalho.

Logo após o término do plano de aula das 10 aulas propostas, observamos que os alunos continuaram interagindo mais entre si nas brincadeiras espontâneas na hora do recreio, por exemplo. Nas quais, meninos e meninas, a partir de então, começaram a brincar juntos, em atividades que na maioria das vezes eram separadas. Como afirma Soares et. al (2012), houve uma mudança "judicativa" e "teleológica". Os alunos identificaram o que acontecia no meio em que vivem e em relação a sua cultura, e construíram sua própria opinião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo verificar e superar os preconceitos de gênero manifestado pelos alunos de 4º ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus de Muzambinho, através do ensino de dança. Para realização de tal proposta usamos como base de referência de método de ensino, a tendência crítico – superadora.

Verificamos que o preconceito estava presente na maioria dos alunos, principalmente nos meninos quando iniciamos as aulas referentes a dança. Segundo Andreoli (2010) o ensino e aprendizagem das posturas de homens e mulheres são diferentes em cada um dos sexos. Notamos que essa diferença exposta pelo autor acima é diretamente relacionada com a cultura dos indivíduos, marcando seus corpos conforme a época.

Goellner (2010) cita que conceitos de gênero são impostos desde o nascimento da criança, levando a definir que meninas são portadoras de habilidades e movimentos mais leves, delicados, e meninos ficam com os movimentos mais bruscos, vigorosos.

Usando como base nos planos de aula a tendência crítico – superadora, na qual teve como intuito diagnosticar, transformar e refletir sobre os problemas encontrados nas aulas. No caso foram os preconceitos de gênero na dança.

Foi possível identificar claramente os preconceitos de gênero nas aulas propostas. Entre os preconceitos de gênero nas aulas citamos dificuldades de meninos dançarem perto de colegas com os quais não tinham muita intimidade; em dançarem músicas e ritmos que exigiam mais leveza; e entre as meninas a dificuldade de contato corporal com os meninos, tais como dar as mãos ou dançar em pares.

Diagnosticado esse preconceito, a proposta foi supera-los através de aula rítmica e de iniciação à dança, visando o contato entre os alunos e a familiarização dos alunos ao conteúdo dança de uma forma que eles não conheciam.

Para superar esse preconceito, as aulas foram montadas de forma em que essa transformação aconteceu de forma natural entre os alunos, no qual no decorrer das aulas eles foram quebrando os preconceitos.

Pudemos observar, que as aulas baseadas na tendência Crítico -

Superadora trouxeram resultados positivos em relação à aceitação e entendimento dos alunos. Em meados da 6ª aula já tínhamos uma mudança no comportamento, fazendo-nos enxergar que nossos objetivos já estavam sendo alcançados. Desde então a tendência das aulas foi uma sucessiva melhora e transformação do conceito que os alunos tinham sobre o gênero relacionado à dança.

Ao final eles já estavam enxergando de forma crítica a modalidade. Perceberam que a dança é muito mais do que estilos separados por gênero. É uma modalidade na qual eles podiam expressar suas manifestações corporais através de estímulos sonoros, assim como proposto nos PCNs (1997).

Podemos concluir que, no início da proposta de trabalho, as manifestações de preconceito eram claras, nas falas e nos comportamentos dos alunos. Já no decorrer do plano de aula proposto, podemos observar claramente a mudança de comportamento e de visão desses alunos. Com isso, podemos verificar a importância de uma proposta, na qual possibilita os alunos de ampliarem seus conhecimentos e criarem uma visão crítica sobre assuntos relacionados ao gênero e a dança, libertando-os das exclusões de atividades corporais por gênero ou por condições físicas, que eles julgavam ter ou não ter.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para que outros profissionais enxerguem as questões de gênero.

Sugerimos que mais pesquisas relacionadas a esse tema sejam feitas, tanto na questão de gênero na dança, quanto outras questões relacionadas a dança nas escolas, e a gênero separadamente.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. Conjectura, Caxias do Sul. Vol.15, nº1, jan./abr. 2010. p. 107-112.
- BARRETO, Debora. **Dança: ensino, sentido e possibilidades na escola**. 3. ed. Campinas, Sp: Autores Associados, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Segunda Parte: atividades rítmicas e expressivas/ Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 3. ed. Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Educação Dos Corpos, Dos Gêneros E Das Sexualidades E O Reconhecimento Da diversidade***, Porto Alegre – Rs, n. , p.71-83, 28 set. 2009. Disponível em: <Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010>. Acesso em: 01 mar. 2010.
- SARAIVA-KUNZ, Maria Carmo. **Dança e gênero na escola: formas de ser e viver mediadas pela Educação Estética**. 2003. 441f. Tese (Doutorado) - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.
- SILVA, Aliny Aparecida e LIMA, Thais Rosa. **Questão de gênero através de atividades de atividades relacionadas ao futebol: uma proposta crítico superadora**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Instituto Federal do Sul de Minas, Muzambinho, 2012.
- SOARES, Carmen Lúcia et.al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: editora Cortez, 2012.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Belo Horizonte, 1999.
- ZOTOVICI, Sandra Aparecida. **Pés no chão e a dança no coração: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento**. 2001. 166f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.